

Maria Carlota ROSA. *Introdução à Morfologia*.  
São Paulo SP: Contexto. 2006. 157 pp.  
ISBN: 85-7244-145-X (\*)

João Veloso  
*Faculdade de Letras da Universidade do Porto,*  
*Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

1 - Maria Carlota Rosa, professora de Linguística na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro a quem devemos diversos estudos distribuídos por assuntos tão diversos como a história da tradição gramatical e pedagógica brasileira, a descrição morfossintáctica do português do Brasil e as relações entre a consciência sintáctica dos falantes e as suas produções escritas<sup>1</sup>, é autora desta obra, que se apresenta como um manual universitário de morfologia.

Trata-se de uma publicação com evidentes intenções pedagógicas, supostamente dirigida ao público constituído por estudantes universitários de linguística portuguesa em busca de uma introdução aprofundada ao domínio da morfologia.

A obra divide-se em três partes, cada uma delas repartida por vários capítulos (por sua vez divididos em subcapítulos e secções que revelam uma organização cuidada e coerente da informação transmitida ao longo do livro). Assim, na I Parte, intitulada “Teoria para quê?”, encontramos dois capítulos: 1, “De que lingüística estamos

---

(\*) Agradeço à Professora Doutora Maria da Graça Lisboa Castro Pinto o contacto que me facultou com o livro sobre o qual redijo estas notas.

<sup>1</sup> Para uma amostra da produção científica da autora, ver, p. ex., as suas obras referenciadas na lista bibliográfica final deste livro (p. 154).

falando?” (pp. 15-25); 2, “Como interpretar linguagem e língua?” (pp. 27-39). Nas pp. 39-40, a autora inclui um resumo destes dois capítulos (“Súmula”). A II Parte – “O retorno da palavra” – agrupa os capítulos 3 a 5: 3, “A conceituação clássica do morfema” (pp. 43-66); 4, “Preparando o retorno da *palavra*” (pp. 67-71); 5, “Quantas palavras temos num enunciado?” (pp. 73-84). Tal como nas restantes partes do livro, esta segunda parte encerra com uma breve “Súmula” (p. 84). A III (e última) Parte, a que é dado o título “Revisitando as *partes do discurso*”, compreende os três capítulos finais do volume: 6, “A formação de vocabulário: o lexema” (pp. 87-90); 7, “Classes de palavras, tipos de significado e questões relacionadas” (pp. 91-114); 8, “Categorias e flexão” (pp. 115-132). A “Súmula” final desta terceira parte encontra-se na p. 132. O volume completa-se ainda com uma lista de abreviaturas que antecede o texto propriamente dito (p. 11), bem como com um conjunto de exercícios práticos da matéria exposta no decurso do livro (pp. 133-147), uma criteriosa lista bibliográfica (pp. 149-154), um índice remissivo de assuntos (pp. 155-156) e uma secção de agradecimentos (p. 157).

2 - O primeiro mérito desta obra que me apraz pôr em destaque reside na extensão e profundidade do enquadramento teórico, histórico e epistemológico em que a autora envolve o seu trabalho, contextualizando de forma fundamentada cada afirmação transmitida. Com efeito, a autora, mesmo antes de entrar na exposição detalhada dos tópicos de morfologia que constituem o cerne deste volume, começa por se filiar na perspectiva teórica da linguística generativa (p. 16) – embora demonstre um conhecimento aprofundado das propostas emanadas de outras correntes, como comprovado pela citação recorrente de obras de autores estruturalistas como L. Bloomfield, Z. Harris, H. A. Gleason ou J. Mattoso Câmara, entre outros. De seguida, e sempre antes de se entrar mais restritivamente no domínio da morfologia, são criticamente revistos, com insistente recurso às fontes bibliográficas mais pertinentes, diversos pontos de vista clássicos e fundamentais da linguística geral e teórica, tais como a divisão entre *forma* e *conteúdo* (pp. 15-16), a distinção entre abordagens *formalistas* e abordagens *funcionalistas* no estudo linguístico (pp. 16-17) (posicionando-se a autora do lado das primeiras

(p. 17), em consonância com o seu posicionamento generativista), as noções fundamentais de *competência* (p. 17), *língua* e *linguagem* (p. 18; desenvolvidas depois nas páginas iniciais do cap. 2, pp. 27 e ss.) e a questão das parametrizações operadas pelas gramáticas particulares sobre os princípios da gramática universal, com referência desenvolvida à questão da aquisição e desenvolvimento da linguagem (pp. 19 e ss.).

Conclui-se, assim, que este livro não descarta a dimensão da filiação teórica em que se enquadra, não se reduzindo apenas à mera exposição das noções e das questões do domínio exclusivamente morfológico. Estamos, pois, por assim dizer, perante um livro que é mais do que manual de morfologia.

3 - Depois de, durante séculos, a gramática tradicional ter considerado a palavra uma unidade verdadeiramente central no estudo e na descrição das línguas, não questionando os critérios pertinentes para a sua definição, identificação e delimitação, a morfologia estruturalista da primeira metade do século XX veio pôr em causa não só a centralidade da palavra na descrição linguística mas também a própria relevância linguística desta unidade (vd. pp. 43 e ss.). Em sua substituição, passou-se então a considerar com um relevo muito especial unidades como o *morfema* ou a *forma*, amplamente discutidas e teorizadas no quadro da linguística estruturalista<sup>2</sup>.

Será necessário aguardar pelo desenvolvimento da linguística generativa para podermos assistir a uma espécie de “reabilitação” da noção de palavra. Tal “regresso” à palavra é feito através de modelos teóricos como a *hipótese lexicalista* (vd. pp. 80 e ss.).

Esta separação entre as duas principais correntes da linguística e da própria morfologia (estruturalismo vs. generativismo) com base no critério da atenção (negada ou dispensada) à palavra enquanto

---

<sup>2</sup> Uma síntese destes postulados da morfologia estruturalista clássica pode ser encontrada, na obra em apreço, na seguinte passagem, extraída do início do cap. 3: “[...] a linguística do século XX retirou da noção de *palavra*, em favor da noção de *morfema*, a ênfase que tinha nos séculos anteriores. O morfema tornou-se a unidade básica da gramática e, por conseguinte, da morfologia – agora transformada em **morfologia baseada em morfemas**. Desse modo, a morfologia da maior parte do século XX passou a ser a análise sintagmática dos vocábulos.” (p. 43)

unidade linguística encontra, de certa forma, paralelo na divisão do livro nas suas partes I e II: se a I Parte (sobretudo os pontos 2.2 e 2.3 do cap. 2) desenvolve, predominantemente à luz da terminologia e da fundamentação de cariz estruturalista, conceitos como morfema, classe, raiz, etc., a II Parte intitula-se, justamente, “O retorno da palavra”. Nos capítulos que pertencem a esta divisão da obra, é então proposta uma revisão de alguns dos principais argumentos em que se sustentou esse “retorno”. Entre outros, são aí referidos: (i) a necessidade de incluir na gramática *regras de formação de palavras* (vd. pp. 69 e ss.); (ii) a insuficiência da unidade *morfema* (apresentada pelos estruturalistas como capaz de resolver as insuficiências descritivas da unidade *palavra*...) para se descrever adequadamente a estrutura de palavras que albergam no seu interior constituintes infralexicais que só de um ponto de vista histórico-etimológico se podem considerar “unidades mínimas dotadas de significação”, como sucede com a sequência “-duz-” encontrada em verbos do português como *conduzir*, *induzir*, *seduzir*, etc. (vd. pp. 68-69).

4 - Os capítulos finais da obra (caps. 6 a 8) são dedicados a um tema que constituiu, durante séculos, um dos objectivos primordiais da morfologia tradicional – a classificação de palavras. A autora, na linha de rigor que caracteriza a sua apresentação de todas as matérias, alarga-se, nas secções iniciais do cap. 7, sobre o contributo da gramática greco-latina para o estabelecimento desse objectivo e sobre a delineação das *partes orationis* tradicionalmente aceites pelas descrições gramaticais do Ocidente como herança dessa importante tradição gramatical (pp. 91, 95 e ss.). A questão é depois abordada à luz dos avanços teóricos e descritivos da morfologia moderna, graças aos quais a divisão das palavras da língua em diferentes classes é relacionada com o seu comportamento morfossintáctico e com certas propriedades formais identificáveis (as “propriedades inerentes” mencionadas nas pp. 120-121). Essa ligação torna possível, entre outras consequências, o alargamento da nossa compreensão acerca das relações entre o léxico e a arquitectura da língua, tema amplamente discutido e ilustrado no capítulo 6.

É no quadro desta abrangência que o carácter taxonómico da morfologia se consubstancia não apenas num inventário de classes

lexicais mas também no elenco descritivo de categorias (número, género, grau, definitude, caso, posse e tempo, segundo a proposta sintetizada nas pp. 130 e ss., baseada numa exaustiva revisão da literatura) e propriedades morfossintáticas (as instanciações das primeiras, como, p. ex. para o número: singular, plural, dual, trial, paucal, etc.), definidas em função do seu comportamento gramatical, como é deixado claro no quadro-síntese das pp.131-132.

5 - Tenho ensinado, em diversos anos lectivos, morfologia do português. Há muito que sentia a falta de um livro como este, originalmente redigido em português e reunindo numa única fonte importantes qualidades que se complementam entre si: o enquadramento teórico, a profundidade da discussão, a clareza da redacção, o rigor terminológico, a profusão dos argumentos e dos exemplos, o desenvolvimento temático, o objectivo pedagógico amplamente conseguido e um conjunto de exercícios práticos que muito enriquecem esta obra e que constituem um precioso auxiliar para todos quantos, estudantes ou professores, se queiram valer deste precioso livro para aprofundarem o seu estudo da morfologia teórica e do português.

Sendo a morfologia, porventura, o capítulo da linguística descritiva do português menos explorado<sup>3</sup>, é sempre com proveito – e com um entusiasmo especial, no caso de títulos com os méritos deste – que saudamos a publicação de trabalhos que venham completar a bibliografia nesta área.

Penso, assim, que este livro vem completar uma lacuna existente e que, a par de outros títulos de carácter compendial no âmbito da

---

<sup>3</sup> Não são aqui ignorados, evidentemente, estudos muito importantes, de natureza teórica e/ou descritiva, relativos ao português europeu, como os trabalhos de Rio-Torto (1998), Villalva (2000) e Rodrigues (2001), p. ex., para nos limitarmos somente aos publicados mais recentemente sob a forma de livro. Tais obras, porém, não correspondem propriamente a manuais universitários de introdução à morfologia. Nesta última categoria, poderíamos contudo referir obras como Mateus, Andrade, Viana & Villalva (1990), Laroca (1994) e Duarte (2000), entre outras, possivelmente. Tais obras, total ou parcialmente, contêm exposições de natureza didáctica sobre assuntos de morfologia – ainda que na perspectiva da morfologia do português e não no âmbito mais geral da própria teoria morfológica, que é o domínio contemplado na obra em análise.

morfologia teórica (refiram-se, entre outros, Matthews 1982, Spencer 1991, Carstairs-McCarthy 1992, Varela Ortega 1992, Spencer & Zwicky (Eds.) 1998 e Coates 1999), passará a ser, de futuro, uma referência obrigatória para os estudantes de morfologia que também leiam o português.

Subscrevo, portanto, com muita convicção as opiniões extremamente favoráveis de duas outras morfologistas brasileiras, as Professoras Margarida Basílio e Marilza de Oliveira, transcritas na contracapa desta edição e que consideram este livro uma obra de grande relevo para o estudo da morfologia.

## REFERÊNCIAS

- Carstairs-McCarthy, A. 1992. *Current Morphology*. London: Routledge.
- Coates, R. 1999. *Word Structure*. London: Routledge.
- Duarte, I. 2000. *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Laroca, M. N. C. 1994. *Manual de Morfologia do Português*. Juiz de Fora MG/ Campinas SP: UFJF/Pontes Editores.
- Mateus, M. H. M.; Andrade, A.; Viana, M.C.; Villalva, A. 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Matthews, P. H. 1982. *Morphology. An Introduction to the Theory of Word-Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rio-Torto, G. M. 1998. *Morfologia Derivacional. Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, A. S. 2001. *A Construção de Postverbais em Português*. Porto: Granito.
- Spencer, A. 1991. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell.
- Spencer, A.; Zwicky, A. M. (Eds.). 1998. *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell.
- Varela Ortega, S. 1992. *Fundamentos de Morfología*. Madrid: Síntesis.
- Villalva, A. 2000. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.